

Correia, António Augusto Esteves Mendes



Porto, 1888 — Lisboa, 1960

Palavras-chave: Antropologia, Pré-História, ‘Escola Antropológica do Porto’, *Homo Afer Taganus*, Política colonial.

DOI: <https://doi.org/10.58277/EXZW5516>

Médico, professor universitário, antropólogo, arqueólogo, divulgador científico, patrimonialista, político e fundador da ‘Escola Antropológica do Porto’, Mendes Correia nasceu a 4 de abril na capital dourense. Primeiro de quatro irmãos, pertencia a família proprietária em Vagos (por via paterna) e com ligações ao universo comercial (por

linha materna), crescendo na Rua do Almada, uma das artérias principais da vida portuense da época. O pai, médico, próximo do Partido Progressista, dedicado às Letras e às Artes, colaborador de revistas científicas e membro de sociedades eruditas nortenhas, terá influído no percurso multiforme de Mendes Correia, pautado por uma curiosidade permanente e multidisciplinar.

Principiando os estudos no Colégio de Nossa Senhora da Divina Providência, no Porto, Mendes Correia ingressou no Liceu Central da mesma cidade, em 1898, onde foi aluno, entre outros, de Joaquim de Vasconcelos, fundador da História da Arte em Portugal. Desenvolvendo aqui e em simultâneo o seu gosto pelas ciências humanas e naturais, esperava-se que seguisse o exemplo do pai, formando-se em medicina. Em 1904, entrou na Academia Politécnica do Porto e dois anos depois matriculou-se no respetivo Curso Preparatório de Medicina e na Escola Médico-Cirúrgica da cidade invicta.

Mendes Correia concluiu Medicina, em 1911, na Universidade do Porto (UP) com a dissertação *O Génio e o Talento na Patologia*, publicada nesse ano. Não abraçou, porém, a

prática clínica, dedicando-se de imediato à carreira docente, como segundo-assistente do 2.º Grupo (Ciências Biológicas), da 3.ª Secção (ciências histórico-naturais) da recém-fundada Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP).

Ampliando o interesse pela antropologia germinado quando estudante, Mendes Correia iniciou, em 1912, o ensino desta ciência na FCUP, criando o laboratório e o museu antropológicos, cuja direcção viria a assumir entre 1926 e 1958. O museu foi constituído por artefactos pré-históricos, proto-históricos e romanos, juntamente com objectos etnográficos e exemplares de antropologia física, a maioria dos quais obtida em escavações arqueológicas (nomeadamente dos concheiros de Muge) e missões antropológicas em Portugal continental e no Ultramar, algumas delas realizadas sob orientação de Mendes Correia.

Firmaram-se assim os primórdios da “Escola Antropológica Portuense”, onde, com colaboradores próximos (Rui de Serpa Pinto, Alfredo Athayde e Santos Júnior), Mendes Correia incentivou a transversalidade da produção, transmissão e recepção nacional e internacional de conhecimentos no domínio da antropologia. Antropologia que entendia de modo holístico, ao abranger ciências autonomizadas posteriormente, como a geologia, a primatologia (cujo desenvolvimento impulsionou entre nós), a antropologia biológica e cultural, a etnografia, a etnologia (incluindo a etnopsicologia) e a arqueologia (mormente pré-histórica). Cumpria assim uma nuclearidade do seu trajecto: prestigiar a ciência praticada em Portugal e formar uma nova geração de antropólogos e de arqueólogos (concretamente, pré-historiadores) no país.

Em 1913, defendeu a tese *Os Criminosos Portugueses: Estudos de Antropologia Criminal*, publicada nesse ano, em cuja sequência foi nomeado 2.º assistente efectivo do subgrupo de antropologia da FCUP. Em paralelo, exercia funções de juiz-adjunto e de médico da Tutoria Central da Infância do Porto, experiência que o terá influenciado nos estudos sobre delinquência infantil.

Um ano depois, em 1914, casou-se com Maria Antónia do Carmo de Loureiro e Brada, de conhecida família viseense e sobrinha de José Relvas, em cuja Casa dos Patudos (Alpiarça) Mendes Correia passou algumas temporadas. Residia, então, na Rua do Moreira, no Porto.

Focalizado nas origens do povo português, Mendes Correia procurou expandir os estudos acerca da sua composição biológica, usos, costumes e tradições, enquanto se esforçava por autonomizar a actividade arqueológica e antropológica entre nós, em especial a última. Com este objectivo, criou as disciplinas de Pré-história, Etnografia e Antropologia Criminal na FCUP; acompanhou de perto a produção científica

internacional nestas áreas; publicou o *Resumo das lições de Antropologia: ano lectivo de 1914-1915*; cofundou e presidiu à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia (SPA), em 1918, e o seu boletim oficial, os *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (TAE), em 1919; elaborou um programa de antropologia criminal e de regeneração social. Ainda em 1918, entrou para a Academia das Ciências de Lisboa (ACL), antes de publicar, em 1919, *Raça e Nacionalidade*.

Poucos anos depois, em 1921, Mendes Correia doutorou-se em ciências histórico-naturais na FCUP, enquanto leccionava antropologia, geologia, geografia física e paleontologia. Foi então nomeado secretário do Conselho Escolar da Faculdade, dando à estampa *Homo: os modernos estudos sobre a origem do Homem* e continuando a cultivar diferentes interesses intelectuais. Por isso, entrou, em 1912 para a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; presidiu à direcção do Grupo de Estudos Brasileiros da cidade; vice-presidiu à Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Participou, também, no seu primeiro Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto), dando assim início a uma longa série de presenças em encontros científicos, ao mesmo tempo que publicava, como testemunham, *Os povos primitivos da Lusitânia* em 1924 e *A Nova Antropologia Criminal*, no ano seguinte.

Em 1926, Mendes Correia foi nomeado professor catedrático do grupo de mineralogia e geologia, no seguimento da coeva reforma universitária. Neste mesmo ano, integrou o Congresso Internacional de Americanistas realizado em Roma, a primeira das suas muitas experiências além-fronteiras, prosseguida no Congresso de Antropologia, em Amesterdão, em 1927. No ano seguinte participou também no encontro Nacional de Medicina, realizado no Porto.

Entre 1929 e 1935 assumiu a presidência da direcção da FCUP. No ano seguinte, passou a professor catedrático do grupo de zoologia e antropologia, função que manteve até 1960, enquanto dirigiu o Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico (1934-1936) e criou as respectivas *Publicações*.

Satisfazendo o seu apreço pelas ciências humanas, Mendes Correia esteve também ligado à Faculdade de Letras da UP. Inicialmente como professor contratado e, depois, como professor ordinário do grupo de ciências geográficas, leccionou aqui geografia de Portugal, geografia colonial portuguesa, geografia política e económica, geografia geral, etnologia, arqueologia, etnografia e antropogeografia geral. Nesta sucessão, o Conselho Escolar (CE) conferiu-lhe o grau de doutor em Letras na área de ciências geográficas, em 1925. CE que incorporava desde 1919, o mesmo sucedendo desde 1920 com a Comissão de Redacção da *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. A isto acrescia a colaboração na *Revista de Estudos Históricos* da UP e na *Dionysos*.

As diversificadas valências académicas de Mendes Correia ditaram-lhe a responsabilidade dos destinos do acervo do Museu de Arqueologia Histórica e Etnologia, por extinção da FLUP, em 1931, fazendo-o transferir para o Museu de Antropologia (MA) da FCUP, após inventário detalhado dos seus conteúdos. Igualmente com o mesmo destino, trasladou o acervo da Galeria de História de Arte.

Visando institucionalizar o ensino da antropologia no país, Mendes Correia participou em inúmeros congressos científicos, sobretudo nos anos 30 e 40, enquanto publicava em revistas nacionais e internacionais (caso das alemãs *Forschungen und Fortschritte* e *Anthropologischer Anzeiger*, e da italiana *Scientia*): Internacional de Antropologia (Coimbra e Porto, 1930; Paris, 1931); Nacional de Ciências Naturais (Lisboa, 1931); Internacional de Geografia (Paris, 1931); Nacional de Antropologia Colonial (Porto, 1934); Internacionais de Ciências Antropológicas e Etnológicas (Londres, 1934); Brasileiro de Identificação (Rio de Janeiro, 1934); Internacional de Zoologia (Lisboa, 1935); do Mundo Português: Pré-História e Proto-História (Porto, 1940); Nacional das Ciências da População (Porto, 1940); Luso-Brasileiro (Lisboa, 1940); Colonial (Lisboa, 1940); Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942); da Associação dos Anatômicos (Lisboa, 1945); do Descobrimento da Guiné (Lisboa, 1946); Internacional dos Africanistas Ocidentais (São Tomé, 1947).

Destes encontros, destaca-se, pelo seu impacto alcançado na comunidade científica nacional, o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica e a IV Sessão Internacional de Antropologia (Coimbra e Porto, 1930), com organização activa de Mendes Correia. Preparou e orientou a visita aos concheiros de Muge, pela relevância que os temas do Mesolítico e dos *Kiokkenmoddings* portugueses assumiram no decurso das sessões de trabalho, assim como pela teoria (não destituída de polémica) do próprio Mendes Correia quanto à existência de um *Homo Afer Taganus*.

O trabalho produzido na UP e o interesse pessoal pelo assunto, justificaram a indicação de Mendes Correia para responsável da secção portuguesa da Exposição Colonial de Paris de 1931, num ano em que a Universidade de Lyon lhe atribuiu o título de Doutor *Honoris Causa* e, a convite da Junta da Educação Nacional (JEN), proferiu conferências sobre migrações prehistóricas na Península Ibérica, em Toulouse, Grenoble, Paris, Lille, Bruxelas, Berlim (na *Kaiser Wilhelm Gesellschaft*) e Munique.

Assim se descerrou uma longa e profícua página na vida e obra de Mendes Correia, dedicada ao ensino e à investigação científica sobre as colónias, ao longo da qual elaborou programas específicos, com realce para missões antropológicas (para mapear

e caracterizar etnias), a primeira das quais a Moçambique, já no quadro da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais (JMGIC), fundada neste ano de 1936 na continuidade de um plano mais abrangente destinado a melhorar a administração colonial local, do qual fora relator.

Dispondo de crescente autoridade científica, docente e política, Mendes Correia foi chamado a ocupar vários lugares de responsabilidade neste período. Foi o caso da direcção (1933-1960) dos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* e da organização do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial (Porto, 1934). Dois anos depois, cofundou a Academia Portuguesa da História (1936) e assumia a presidência da Câmara Municipal do Porto (CMP) (1936-1942). Nesta última qualidade, integrou a Câmara Corporativa e promoveu a preservação e a divulgação do património histórico e cultural da cidade, decidindo, entre outras aspectos, estreitar relações com a Galiza e instalar o Museu Nacional de Soares dos Reis no Palácio dos Carrancas (1940). Assumia, assim, uma das suas preocupações centrais – a cultural -, vincada de igual modo na forma como concorreu para a criação da Junta Nacional de Escavações e Antiguidades (JNEA), no âmbito da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes (1933), nela defendendo, já como vogal, a salvaguarda do património arqueológico.

Entretanto, os anos 40 notabilizaram Mendes Correia, como cientista e político. Por isso se envolveu activamente na organização das Comemorações Centenárias e dos Congressos do Mundo Português; foi nomeado vogal da subsecção de arqueologia da JNEA; participou em comissões de estudo da reforma do ensino superior português; integrou o Comité Central do Grupo Português de História das Ciências, filiado na *Académie International d'Histoire des Sciences*, e respectivo periódico *Petrus Nonius*; e co-representou a UP na comissão de avaliação das condições da adesão do país ao *Conseil International de Recherches* (Paris) estabelecido no contexto da Sociedade das Nações.

Procurando adaptar-se à nova geopolítica mundial estabelecida no pós-guerra, Mendes Correia entrou para o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (de 1945 a 1956), primeiro como vogal da direcção e depois como presidente. Em 1946, foi eleito presidente da recém reestruturada JMGIC; nomeado membro do Conselho Ultramarino (até 1958) e director da Escola Superior Colonial, cargo acumulado com a docência (1949-1958) de geografia, direcção e orientação de dissertações finais do Curso de Altos Estudos Ultramarinos. Foi delegado português da Comissão Permanente de Cartografia dos territórios africanos e aclamado presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa (1875) (1951-1960), onde criou a Secção de Pré-História.

Foi ainda nos decênios de 30 e 40 que Mendes Correia publicou algumas das suas obras de referência, parte das quais decorrente do seu envolvimento na política de ocupação científica do Ultramar português: *Origens da cidade do Porto* (Vila Nova de Gaia, 1932); *Da Biologia à História* (Porto, 1934); *Cariocas e Paulistas: impressões do Brasil* (Porto, 1935); *A Escola Antropológica Portuense* (Porto, 1940); *Da Raça e do Espírito* (Porto, 1940); *Raças do Império* (Porto, 1943); *Gérmens e Cultura* (Porto, 1944); *Em face de Deus: memórias e confissões* (Porto, 1946); *Uma jornada científica na Guiné Portuguesa* (Lisboa, 1947).

Entretanto, Mendes Correia viu o seu trabalho ratificado por pares, ao ser-lhe concedido o título de 'Excelência' pela *Pontifícia Academia Scientiarum Novi Lyncaei* e de Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades de Montpellier (1941) e de Witwatersrand (1949).

Divorciado e vivendo já em Lisboa, em razão das funções assumidas, Mendes Correia voltou a casar-se, dessa feita com Maria do Carmo Bahia.

O início dos anos 50 trouxe-lhe a confirmação e o reforço do prestígio nacional e internacional, patente na sua nomeação para júri de prémios galardoadores de investigações nas áreas de antropologia física e pré-história. Presidiu, ainda, à Junta de Investigações do Ultramar (1954-1958) e esteve à frente dos destinos de outros organismos, como as comissões Nacional de Estatística Demográfica-Sanitária (1955) e da divisão provincial do país, assim como da Classe de Ciências da ACL (de 1959 a 1960). Foi membro do conselho orientador do Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística, efectivo da JEN / IAC e um dos directores e compiladores da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Ocupou o lugar de deputado eleito à Assembleia Nacional, nas IV, V e VI legislaturas (de 1945 a 1957), onde defendeu o conhecimento científico das colónias, a defesa do património cultural nacional, e a dignificação e o reconhecimento da actividade científica. Continuou, em simultâneo, a contribuir para a divulgação de conhecimentos, dando à estampa *Antropologia e História* (Porto, 1954) e *O interesse dos estudos de linguística e o seu carácter científico* (Lisboa, 1957), e publicando nos periódicos *Antropologia, etnologia e ciências humanas* (Lisboa, 1959) e *Arqueologia e História Sacra* (Lisboa, 1960).

Enquanto isto, logrou, através do CEEP, que arqueólogos nacionais fossem institucionalmente apoiados nas suas investigações, assegurando-lhes a publicação dos resultados correspondentes nos *TAE*, criando, também assim, uma outra rede científica com a qual colaborou activamente.

Divulgar a ciência praticada em Portugal, designadamente através do seu trabalho, dos seus colegas e discípulos (independentemente do género), requeria, para Mendes Correia, uma acentuada dimensão internacional. Publicou, por isso, noutras línguas e viajou amiúde, investigando, contactando, permutando e preleccionando. Por isso se deslocou ao Brasil (1934 e 1937), onde conheceu Gilberto Freyre e foi agraciado com a Ordem do Cruzeiro do Sul; à Guiné Portuguesa (entre 1945 e 1946), em colaboração com Amílcar Mateus e passagem por Marrocos e Senegal, para preparar a Missão Antropológica e Etnológica da Guiné (1956-1957); a Timor (1953), em missão com equipa de antropólogos.

Estratégia internacional que contemplou, desde, pelo menos, 1921, a presença em reuniões científicas em solo nacional (Porto, Coimbra, Lisboa) ultramarino (Bissau, S. Tomé, Luanda, Dili) e estrangeiro (Madrid – onde foi distinguido com a Ordem de Afonso, *o Sábio* -, Barcelona, S. Sebastian, Paris, Toulouse, Grenoble, Lyon, Lille, Nice, Amesterdão, Bruxelas, Berlim, Roma, Rio de Janeiro, S. Paulo e Washington, Nairobi, Dacar, Bucavu, Tananarive, Yangambi). Encontros caracterizados pela amplitude geográfica dos temas abordados, a exemplo dos congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências, dos colóquios de Estudos Luso-Brasileiros, dos congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, de Geografia, e das conferências Internacionais dos Africanistas Ocidentais.

O reconhecimento das investigações realizadas em medicina (incluindo antropológica), antropologia (designadamente física e criminal) e arqueologia (sobretudo pré-histórica), o recurso a diferentes métodos de trabalho (mesmo o antropométrico) e equipamento (mormente fotográfico), e as múltiplas funções que foi assumindo, valeram a Mendes Correia a indicação para delegado a conselhos e comités científicos nacionais e internacionais, como o da África ao Sul do Saara; a participação na primeira Conferência Científica Regional Africana, a convite do governo da União Sul-Africana (Joanesburgo, 1949), nos Congressos Internacionais de Ciências Antropológicas e Etnológicas e no Internacional para Estandarização dos Métodos e Medidas Antropométricas. Ao mesmo tempo, era indicado para comissões nacionais comemorativas de centenários, como os da morte do Infante D. Henrique (1954) e do nascimento de Mouzinho de Albuquerque (1955).

Em abril de 1951, recebeu o seu primeiro tributo público. Homenageado na SPAE e na UP, a pretexto da entrega pública do seu busto em gesso, Mendes Correia contou com a presença de elementos daquela agremiação, do reitor e vice-reitor da UP, e dos directores das Faculdades de Ciências e de Medicina e do Centro Universitário do Porto da Mocidade Portuguesa. Seguiu-se-lhe um preito na SGL (1957), por ocasião da sua entrada para a *Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland* (RAIGBI),

como sócio honorário. Neste mesmo ano, foi agraciado pelo Governo português com o Grande Oficialato da Ordem Militar de Santiago da Espada, sendo o seu nome atribuído à Sala de Arqueologia e Antropologia do Museu de História Natural da UP.

As múltiplas actividades de Mendes Correia justificaram a sua associação a entidades científicas portuguesas e estrangeiras, a maioria das quais relacionada com as suas áreas de investigação: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Instituto de Coimbra; Sociedade de Geografia de Lisboa; Sociedade Martins Sarmento; Real Gabinete Português de Leitura (cujo primeiro centenário, em 1937, contou com a sua presença); Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro; Liga Brasileira de Higiene Mental; Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia; Sociedade de Criminologia e Medicina Legal de São Paulo; *Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria*; *Real Academia Galega*; *Society of Antiquaries of London*; RAIGBI; *International African Institut*(Londres); *Institut Français d'Anthropologie*; *Socité des Africanistes*; *Association pour l'Étude des Sciences Anthropologiques* (Paris); *Institut International d'Anthropologie* (Paris); *Institut International des Civilizations Différentes* (Bruxelas); *Academias des Sciences et des Beaux-Arts* (Toulouse) e a *Accademia Pontificia delle Scienze – Nuovi Lincei*.

Com uma vida consagrada à ciência, docência, cultura e política, Mendes Correia não desmereceu a divulgação científica junto de públicos mais vastos e diversificados, publicando artigos em jornais de circulação interna e proferindo palestras em organismos, como a Emissora Nacional e o Centro de Estudos e Formação Imperial.

Pugnando pela afirmação dos estudos em diversas áreas e concretização do projecto de ocupação científica do ultramar (como «plano racional de valorização das colónias»), Mendes Correia não distinguiu «ciência utilitária e ciência desinteressada e pura», indagando matérias tão díspares e por vezes polémicas, como a influência africana no património genético dos portugueses; os lusitanos como antepassados primordiais dos portugueses; a dignificação das classes sociais mais desfavorecidas; a generalização do voto feminino; a abolição paternalista do ‘estatuto de indígena’.

Mendes Correia faleceu a 7 de janeiro, sem descendência direta. Deixou, no entanto, um vasto legado intelectual materializado em inúmeras acções e continuado por vários dos seus seguidores.

Trasladado, a 9 de janeiro, da capital para o cemitério do Prado do Repouso, no Porto, com as bandeiras da Sociedade de Geografia de Lisboa e da cidade que o vira nascer, foi homenageado nas suas exéquias com a presença de inúmeras entidades e instituições públicas e privadas, nacionais e estrangeiras. Algumas delas, outorgaram-lhe, ainda em vida, as suas mais altas condecorações, em apreço pela sua plurifacetada

obra: Grã-Cruz da Instrução Pública; Comendador da Coroa de Itália e Bélgica; Oficial da Legião de Honra e da Instrução Pública em França; Cavaleiro de Afonso XII de Espanha. Seguiram-se-lhe, até aos nossos dias, outros tributos, contidos em edições especiais, entradas em dicionários; exposições; seminários e conferências.

Ana Cristina Martins

IHC NOVA FCSH – Polo da Universidade de Évora | IN2PAST | UNIARQ-UL

Arquivos

Lisboa, Arquivo da Torre do Tombo – Direcção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (Actas de reuniões da 2.^a Subsecção da 6.^a Secção da Direcção-geral do Ensino Superior e das Belas Artes).

Lisboa, Arquivo do Instituto de Alta Cultura (à guarda do Instituto Camões) (processo individual de Mendes Correia).

Lisboa, Arquivo Histórico da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Actas de reuniões da Direcção, da Assembleia Geral e da Secção de Pré-História).

Lisboa, Arquivo Histórico da Sociedade de Geografia de Lisboa (Actas da Secção de Pré-História).

Porto, Arquivo Histórico da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (livros de actas).

Lisboa, Arquivo Histórico do extinto Instituto de Investigação Científica Tropical (processo individual de Mendes Correia).

Lisboa, Arquivo Histórico do Ministério da Educação (actas de reuniões da 2.^a Subsecção da 6.^a Secção da Direcção-geral do Ensino Superior e das Belas Artes).

Lisboa, Arquivo Histórico do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (Agendas pessoais de Mendes Correia).

Diários das Sessões da Assembleia Nacional. IV Legislatura (1945-1949), V Legislatura (1949-1953) e VI Legislatura (1953-1957). [Em linha]. Disponível em WWW:

URL: <http://debates.parlamento.pt>

Diários das Sessões da Câmara Corporativa. I Legislatura (1935-1938) e II Legislatura (1938-1942). [Em linha]. Disponível em WWW: URL: <http://debates.parlamento.pt> <
<http://debates.parlamento.pt/>>

Fundo do Professor Santos Júnior, Centro de Memória de Torre de Moncorvo (correspondência de Mendes Correia).

Obras

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1919. *Raça e Nacionalidade*. Porto: Renascença Portuguesa.

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1924. *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto: Livraria Figueirinhas,

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1932. *As origens da cidade do Porto*. Gaia: Edições Pátria.

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1934. *Da Biologia à História*. Porto: Imprensa Portuguesa.

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1940. *Da Raça e do Espírito*. Porto: Imprensa Portuguesa.

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1941a. *A Escola Antropológica Portuense*. Lisboa: s.n.

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1941b. *Plano de Estudos Antropológicos Coloniais*. S/l: s/ed.

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1943. *Raças do Império*. Porto: Portucalense Editora.

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1944. *Gérmens e Cultura*. Porto: Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.

Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1947. *Uma jornada científica na Guiné Portuguesa*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.

Bibliografia sobre o biografado

AAVV. 1957. «Professor Mendes Correia. Homenagem dos seus amigos e admiradores». Separata do *Boletim da SGL*, n.ºs 4-6: 119-152.

AAVV. 2011. *Mendes Correia (1888-1960): entre a ciência, a docência e a política*, coord. Ana Cristina Martins. Lisboa: ACD Editores.

Matos, Patrícia Carla Valente Ferraz de. 2012. *Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto: Contribuição para o estudo das relações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo (de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX)*. Doutoramento em Ciências Sociais. Especialidade: Antropologia Social e Cultural. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Professor Mendes Corrêa. 1888-1988. 1.º Centenário do seu nascimento. Porto: FCUP.

Roque, Ricardo. 2003. «CORREIA, ANTÓNIO Augusto Esteves MENDES». In *Dicionário de Educadores Portugueses: 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*, coords. António Nóvoa, e Filomena Bandeira, CD-ROM, Ficha n.º 237. Porto: Asa.

[\[IMdSPA1\]](#) Indicar as duas na língua original

[\[ACM2\]](#) Feito.